



## **REVISTA EXPRESSÃO: O CAMPO NÃO É MAIS O MESMO<sup>1</sup>**

Luís Felipe PERACCHI<sup>2</sup>; Erikson MADRIL; Flávia NOAL; Gabriela ALCÂNTARA;  
Lilian FERRARI; Marcelle MONTEIRO; Marcos DEMORI; Roger RUFFATO<sup>3</sup>  
Marlene Branca SÓLIO<sup>4</sup>

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

### **RESUMO**

Nesse artigo, analisaremos questões relativas à produção de revistas. Identificaremos a sua posição diante de outras mídias, destacando o papel da interface para contextualizar as notícias fragmentadas apresentadas pelos outros sistemas de comunicação. Faremos alusão à importância do formato revista enquanto reduto para interação entre jornalismo e literatura no desenvolvimento das pautas. Para tal, será analisamos a Revista *Expressão*, ano 16, número 35, produzida por um grupo de estudantes de jornalismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS), no segundo semestre de 2010.

**PALAVRAS-CHAVE:** revista; comunicação; jornalismo; literatura.

### **INTRODUÇÃO**

O jornalismo surgiu baseado na plataforma livro, aliado e fruto da literatura. O advento de novas tecnologias possibilitou à profissão utilizar recursos inovadores para transmitir a mensagem. Assim foi quando vieram os jornais, depois o rádio, a revista, a televisão e, mais recentemente, a internet.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista Impressa (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo. Graduado bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade de Caxias do Sul, em março de 2011, email: lfperacchi@hotmail.com

<sup>3</sup> Turma de alunos da disciplina de Projeto Experimental III – Laboratório, do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: brancasolio@gmail.com.



A cada revolução tecnológica, temia-se a extinção de alguma das outras interfaces. Isso nunca ocorreu. Muito pelo contrário, as mídias readequaram-se e encontraram novos espaços. Mas, a força da internet e a onda provocada pelo seu surgimento, ainda não estabilizou o quadro.

O processo de um jornalismo industrializado se acentuou com a disseminação e consolidação da rede mundial de computadores. Afinal, um fato ocorrido no Japão, como se viu recentemente com o tsunami e a crise nuclear, atravessa o planeta em segundos, informando pessoas de qualquer lugar. As redes sociais constituem universo inovador e à parte, onde transitam milhares de informações a cada segundo, sem que se dependa de nenhum grande meio de comunicação, processo de impressão ou edição.

Com isso, apresenta-se, cada vez mais, apenas notícias telegráficas em uma sociedade individualista e atribulada que se informa das mais diferentes maneiras em exíguos tempos, divididos entre as refeições, tarefas domésticas e afazeres profissionais. Nesse árido terreno onde apenas brotam textos sintéticos existe a necessidade premente de um jornalismo mais elaborado e consistente, capaz de fazer o interlocutor refletir sobre as questões à sua volta.

Dentro da segmentação da indústria editorial, a revista é uma excelente plataforma para o aprimoramento da informação. Mais do que isso, deve ser um reduto de compartilhamento das linguagens jornalística e literárias, com o intuito de promover um texto mais elaborado e qualificado.

## **2 OBJETIVO**

Fundamentar o papel da interface revista perante os demais meios de comunicação, aplicando os conceitos de jornalismo literário e, dentro desse contexto, apresentar o exemplo prático da Revista Expressão, desenvolvida pelo curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

## **3 JUSTIFICATIVA**

A tarefa de conciliar jornalismo e literatura é mais difícil do que parece. A ditadura do *lead* e das notícias telegráficas se impõe sobre as mentes de estudantes e



profissionais. Aliado à pretensão de o jornalismo ser objetivo, sintético e pontual, o jornalista se flagela excluindo a primeira pessoa do texto, mesmo quando isso se faz necessário, retirando a humanidade das palavras.

O modelo industrial não permite distorções e a produção intelectual dos servos do Jornalismo transcorre em um circuito de onde saem apenas frutos semelhantes, sem personalismo, como se fosse uma rede de *fast-food*. As informações ganham rótulo, onde se anuncia clareza e objetividade ilusórias, para um consumidor/leitor também padronizado.

O círculo se fecha e as palavras inconsideradas desse jornalismo conduzem o leitor à passividade do espírito, ao embrutecimento da mente. São palavras repetidas, abusadamente servidas e resservidas [sic] para hipnotizar com o pretexto de informar. Sim, porque informar com objetividade e clareza pretende ser o papel do jornalismo. Dizem também que tem leitor querendo se informar de maneira clara e objetiva. Essa é uma das evidências citadas em todos os cursos de jornalismo, pela maioria dos professores e dos livros didáticos. É a lição que se repete e se aprende, mecanicamente, nas universidades, e que se aplica, com toda boa vontade, nas redações. (DRAVET, 2002, p. 87)

Porém, como diz Nanami Sato, “o relato unívoco, tal como a imagem congelada, pode ser traiçoeiro, falso e alienante” (SATO, 2002, p. 45) Um bom texto, deve ser capaz de auxiliar o seu interlocutor a compreender o mundo à sua volta, transpassando os signos falados ou impressos. Ou seja, aliar jornalismo e literatura na busca do objetivo comum de bem informar.

A convivência pode ser pacífica e proveitosa entre jornalismo e literatura, desde que um saiba respeitar o desígnio do outro e, ao mesmo tempo, quando for possível, integrar elementos para seu desenvolvimento. O jornalismo parece ter se esquecido que existe para contar histórias, narrar, e não para fazer meros relatos telegráficos. É exatamente nesse ponto que a literatura pode contribuir para destravar o jornalismo seco e relatorial.

Por seu radicalismo, a literatura pode contribuir, principalmente aos que atuam na mídia, com essa explosão reveladora de que fala Cortázar, trazendo com ela a ‘peste’: o desconforto, a inquietação e a desconfiança que minam a crença ingênua no poder expressivo e representativo da linguagem. (SATO, 2002, p. 45)

Sem descuidar da fidelidade às fontes e aos fatos, o jornalista pode recorrer aos artifícios da literatura para transmitir a informação fazendo jus à palavra latina *textus*, como lembra Alex Galeno (GALENO, 2002, p. 101). O autor recorda que, em sentido figurado,

na origem, a palavra significa tecido. Ora, então, para termos um bom tecido é preciso habilidade para entremear os fios de modo que não restem buracos. E que o pano seja resistente.

Mas, apenas um bom tecido não basta, se ele apresentar aspecto amarelado, envelhecido e pouco atraente. Será preciso cores, formas e detalhes capazes de deslumbrar quem o vê e o toca. Ou seja, o texto jornalístico com retoques de boa literatura é o que terá a capacidade de atrair os leitores. “Tudo considerado, aproximar-se da literatura é benéfico para o jornalismo.” (MARQUES, 2009, p. 25) Faz-se necessário um modelo híbrido de jornalismo, ligado às suas regras éticas e poder de produção, com a riqueza inventiva da literatura.

Uma das saídas para o jornalismo contemporâneo, ao que parece, é voltar a investir na narração, ou na velha fórmula da boa história a se contar, sem, contudo deixar de mesclar a velha regra do lead americano (com as cinco perguntas básicas) a outras técnicas. (DE CASTRO, 2002, p. 77)

Se dizemos que cada meio deve encontrar a sua vocação, a revista – até pela diagramação geralmente mais “limpa”, com possibilidade de explorar melhor imagens, gráficos e ilustrações – tem a possibilidade de servir como plataforma para essa integração jornalismo e literatura na contextualização dos fatos.

“A literatura, especialmente, deverá ser o fermento para desobstruir a imaginação jornalística e um meio de evitar que ela se transforme em mero exercício retórico do cotidiano” (GALENO, 2002, p. 107) A interface revista deve tomar para si o protagonismo de ser mais crônica, trazendo mais narração, histórias e humanidade ao cotidiano da sociedade.

É preciso lembrar novamente que a revista é mais literária que o jornal no que se refere ao tratamento dado ao texto. Admite usos estéticos da palavra e recursos gráficos de modo bem mais flagrante que os jornais. Além disso, a revista é mais artística quanto aos aspectos de programação visual (VILAS BOAS, 1996, p. 71)

Especialmente, as plataformas impressas (jornais e revistas) necessitam encontrar na ampliação e contextualização do texto o seu espaço dentro das mídias, já que o jornalismo relatorial e instantâneo encontra, de modo mais incisivo, na internet o seu ambiente.

Pode-se manter a pirâmide invertida, o *lead*, afinal entre a realidade e a utopia a distância é grande. Mas, ao mesmo tempo, não se pode fechar os olhos e ouvidos para possibilidades de interação com a literatura. A tendência é que o texto fique mais humano,



menos árido. Ambos nasceram e bebem da mesma fonte, a escrita, não permitir-se usufruir o que há de melhor na produção intelectual é o mesmo que possuir um armário abarrotado de comida e não alimentar-se. Como diz Gabriel García Marquez, “o ideal seria que a poesia fosse cada vez mais informativa e o jornalismo cada vez mais poético.” (MARQUEZ apud MEDEL, 2002, p. 20).

E como imagem é também informação, uma revista terá, sempre maior número de fotografias, fotografias exploradas em maior intensidade, com linguagem particular, ou seja, é permitido a elas serem menos informativas e mais plásticas (dependendo do papel que desempenham na matéria, evidentemente). As grades (grids) serão mais ousadas, menos rígidas, oferecendo ao leitor um veículo mais plástico, comparativamente ao jornal. E o uso das cores será, certamente, peça-chave em uma revista, que ostenta, uma imagem mais plástica do que o jornal.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Levantamos fundamentação teórica bibliográfica, com o auxílio de autores como Gustavo de Castro, Alex Galeno, Florence Dravet, Manuel Ángel Vásquez Medel, Patrícia Ceolin Nascimento, Sérgio Vilas Boas e Nanami Sato. Em seguida fazemos uma análise de conteúdo, considerando principalmente as categorias jornalismo, literatura e jornalismo literário. No ponto a seguir, também descrevemos a metodologia adotada para a produção do referido trabalho.

#### **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A revista *Expressão* é desenvolvida por estudantes de Jornalismo no último semestre do curso dentro da disciplina de Projeto Experimental III – Laboratório. O processo inicia com aulas teórico-expositivas, mescladas com análise, em bancas de revistas) de produtos que encontramos cotidianamente ali. Outras três etapas importantes, supervisionadas pelo professora, são a produção de reportagens, a produção fotográfica e a diagramação do material. Essas etapas são precedidas de um *brainstorming* onde ocorre a definição do tema, a discussão detalhada de pautas e a distribuição de tarefas.

No processo de confecção do material, o estudante tem a possibilidade de aprofundar-se em determinados temas e experimentar um simulacro acadêmico de uma



redação, com prazos de entregas bem definidos, discussão de temas, saída a campo, exigências em torno da qualidade e complexidade dos textos, entre outros fatores.

No segundo semestre de 2010, participaram os alunos Erikson Madril, Flávia Noal, Gabriela Alcantara, Lilian Ferrari, Luís Felipe Peracchi, Marcelle Monteiro, Marcos Demori e Roger Ruffato, coordenados pela professora Marlene Branca Sólito. O grupo teve oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos acumulados ao longo do curso.

Com a possibilidade de organizar a redação, editorias e, principalmente, uma pauta-master, espécie de fio condutor para toda a revista, os estudantes reúnem-se nos primeiros encontros do semestre para definir as questões de cunho administrativo. Transcorrida a parte burocrática, dá-se início ao desenvolvimento das reportagens.

No caso do grupo acima citado, a temática escolhida foi as mudanças ocorridas na sociedade rural pelos mais diversos ângulos. Esses matizes originaram as quatro editorias: comportamento, economia, infraestrutura e esporte e lazer. Em 56 páginas, os aspirantes a jornalistas buscaram compreender essa transformação do campo, aplicando uma mistura de literatura e jornalismo, procurando superar os simples relatos e chegar à “alma” dos produtores rurais e suas famílias. Um bom exemplo é a abertura da matéria “Comunidade em festa”, de Marcelle Monteiro:

De longe, se vê a fumaça anunciando onde é a festa. Em pouco tempo, automóveis formam uma longa fila ao lado da estrada principal, até chegar no local da aglomeração. Ali, a primeira visão é a pequena igreja, lotada de pessoas acompanhando a missa. Movimentação também no salão paroquial ao lado, com gente saindo e entrando. No ar, o cheirinho inconfundível do churrasco aguça a fome. O cenário é uma descrição da Festa de São Francisquinho, no distrito de Criúva, em Caxias do Sul, mas podia ser muito bem uma festa em qualquer outra localidade da região. (MONTEIRO, 2010, p. 46)

Esse mergulho, impregnado de informação e texto apurado, com um período de tempo maior para desenvolvimento da pauta, permitiu revelar como a tecnologia auxilia no aumento da qualidade da produção. Ou então, ver que pessoas que participaram do famoso êxodo rural brasileiro das décadas de 1970 e 1980 estão retornando, agora aposentados, ao conforto e à tranquilidade oferecidos pelo interior.

Entre os aspectos econômicos, apresentou-se o debate sobre o desafio de alimentar quase sete bilhões de seres humanos, sem que se esgote os recursos naturais do planeta. Também se questionou as fragilidades do sistema conhecido como integração, um dos



métodos mais comuns de relação entre grandes empresas e pequenos agricultores, considerado injusto por estes.

A chegada de infraestrutura, como a pavimentação asfáltica, água encanada e saneamento, não ficou de fora, mostrando como o Brasil tenta solucionar antigos problemas em pleno século 21. Velhos temas, como a disputa entre os grandes e os pequenos agricultores, ganharam novos olhares.

A revista mostra o desafio de manter os jovens no campo que, aparentemente, mostra-se mais propenso a essa permanência, mas não abre mão de estar conectado com o mundo, através da internet, e sedento de qualificação. Esse interesse pelo futuro é dificultado pela distância e problemas no transporte para chegar aos locais de estudo.

Ao mesmo tempo, o meio rural preserva antigas tradições. Por exemplo, na Serra Gaúcha, colonizada principalmente por imigrantes italianos, as escolas esforçam-se para manter vivo o dialeto Vêneto. Esse é o interior apresentado pela edição número 35 da revista Expressão, mostrando que o campo é, ao mesmo tempo, fator e reflexo de uma Nação repleta de desigualdades que caminha para ser a quinta maior economia do mundo.

Enfim, o grupo procurou aplicar na prática o fundamento teórico do que deve ser o conteúdo de uma boa revista. Citando Patrícia Nascimento:

No caso especificou das revistas, as características que usualmente identificam o discurso jornalístico são, muitas vezes, atenuadas em favor de uma narrativa mais flexível, como alteração de lides, adjetivações ou uso de advérbios, geralmente não recomendáveis nos manuais de redação jornalística. Tais recursos não impedem, entretanto, que reportagens publicadas nessas revistas sejam reconhecidas como jornalismo. O que então, as inclui nessa mesma definição? Julgamos que a resposta está na informação (NASCIMENTO, 2002, p. 62-3)

Ou seja, depois de anos de classes aprendendo o conteúdo dos manuais jornalísticos, os estudantes têm noção aprofundada sobre a fronteira divisória entre jornalismo e literatura ficcional. Com esses recursos, ele pode se permitir caminhar nessa tênue linha, oferecendo aos seus interlocutores textos de maior qualidade e complexidade. Fazendo uma analogia, podemos dizer que se passou grande período de tempo pintando telas tradicionais para poder compreender e seguir a trilha de um Picasso, por exemplo.

## **6 CONSIDERAÇÕES**



Além da teoria, a disciplina permitiu aos estudantes experimentar e aplicar todo o processo de produção jornalística. Desde a definição das pautas, passando pela escolha da diagramação considerada ideal, desenvolvimento das reportagens e fotografias, até a conclusão do projeto, concretizado nas páginas impressas.

Enfim, a revista *Expressão* descrita acima, procura corresponder e assumir o papel que cabe à plataforma: em um emaranhado de informações desconexas, a revista deve organizar, refletir e apresentar o tema com consistência, unindo jornalismo e literatura na busca desse objetivo. Nesse contexto, o grupo discente pôde, paralelamente, desenvolver e amadurecer rumo ao mercado de trabalho e tomar consciência da importância de contextualizar e aprofundar, percebendo o universo de questões que um “simples” tema pode abrigar.

Mais do que isso, a experiência de produzir a *Expressão* mostrou aos futuros profissionais que é possível, e até mesmo obrigatório, ir além do *lead*. Somente a boa apuração, compromisso ético e qualidade textual podem assegurar espaço para todas as plataformas de comunicação e demonstrar a importância de profissionais devidamente qualificados para a função jornalística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

DRAVET, Florence, Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

MEDEL, Manuel Ángel Vásquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MONTEIRO, Marcelle. Comunidade em festa. *Expressão*, Caxias do Sul, ano 16, n. 35, p.46-48, 2º sem. 2010.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.



SATO, Nanami, Jornalismo, literatura e representação. In: DE CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. Orgs. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.